A NATUREZA, IDENTIDADE E PROPÓSITO DA IGREJA FRENTE AOS DESAFIOS DA PÓS-MODERNIDADE¹

Prof. Dr. Eurípedes Pereira de Brito²

RESUMO

O objeto de pesquisa desse artigo é a doutrina da igreja, a Eclesiologia. A natureza, identidade e propósitos da igreja frente aos desafios que na atualidade ameaçam a sua identidade e a sua saúde bíblica. Procura-se, também, analisar o caráter missional da igreja diante de um mundo que cada dia mais, se assume como mundo pós-cristão que rejeita, os valores cristãos como norteadores da sociedade. Alguns desafios do nosso tempo que se colocam diante da liderança são: a influência dos pressupostos da Teologia Liberal do Séculos XIX na academia teológica hoje no Brasil; a igreja inclusiva, o movimento da igreja emergente; a Teologia da Prosperidade; o antropocentrismo, o pragmatismo e os desigrejados. Diante desses grandes desafios, o artigo tem como objetivo geral, refletir sobre a natureza, identidade e propósito da igreja no início do Século XXI, e como objetivos específicos: 1. Verificar os desafios que exigem posicionamentos da tradição cristão diante de posturas atuais em relação à natureza, identidade e propósitos da igreja; 2. Compreender a importância de se reafirmar a natureza e a identidade da igreja com segurança bíblica para os dias atuais; 3. Reafirmar o propósito missional da igreja neste tempo escatológico.

PALAVRAS CHAVE: Igreja. Natureza. Identidade. Teologia. Missional.

1 Miriam Aldeman, no seu artigo “Visões da Pós-modernidade: discursos e perspectivas teóricas” compreende que, no campo específico da Sociologia, vários dos autores consagrados da atualidade dizem não gostar do conceito – desde Anthony Giddens, que prefere falar de “modernidade radicalizada” até Zygmunt Bauman, que, em tempos recentes, preferiu o termo de “modernidade líquida” ao conceito de pós-modernidade que ele empregava em obra anterior. Aldeman, porém mantém o termo “Pós-modernidade”, compreendido como uma realidade que produz diversos caminhos culturais e políticos, alguns sendo mais enfatizados do que outros, de acordo as interpretações e leituras que dela se fazem. Ela afirma ser importante, neste ponto, a observação do sociólogo inglês Mike Featherstone: “Pode ser que o conceito tenha pouca utilidade duradoura para as ciências sociais (pelo menos se a ênfase for colocada no termo ‘ciência’), sendo ele mesmo um produto dos processos de desmonopolização na vida acadêmica, que estão pondo abaixo algumas das barreiras entre os sujeitos e as instituições baseadas no sujeito. Tais tendências são inimigas da manutenção da ciência. O termo, porém, pode ter alguma utilidade no modo pelo qual direciona nossa atenção para a mudança cultural”. (1997:68-69). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/09.pdf>. Acesso em 30 de set. de 2019.

2 O autor possui Doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo-RS (2005). Atualmente é Coordenador da Área de Cultura Geral e professor de Teologia Pastoral, no Seminário Presbiteriano Brasil Central da Igreja Presbiteriana do Brasil. Coordenador da Graduação presencial, e Professor na graduação e Pós-Graduação da Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB). Membro do conselho editor da Revista Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade Assembleiana do Brasil. Pastor da Igreja Igreja Presbiteriana Esperança em Goiânia, Membro da Diretoria do Movimento Discipulado Missional Life on Life no Brasil. E-mail: prof.euripedes@fasseb.com.br.

ABSTRACT

The object of research of this article is the doctrine of the church, Ecclesiology. The nature, identity and purposes of the church in the face of the challenges that today threaten its identity and its biblical health. It also seeks to analyze the missional character of the church in the face of a world that increasingly assumes itself as a post-Christian world that rejects Christian values as guiding society. Some challenges of our time facing leadership are: the influence of the assumptions of 19th Century Liberal Theology on the theological academy today in Brazil; the inclusive church, the emerging church movement; Prosperity Theology; anthropocentrism, pragmatism and the homeless. Faced with these great challenges, the article aims to reflect on the nature, identity and purpose of the church in the early 21st century, and the specific objectives: 1. To verify the challenges that require positions of the Christian tradition in the face of current attitudes towards the nature, identity and purposes of the church; 2. Understand the importance of reaffirming the nature and identity of the church with biblical security for the present day; 3. To reaffirm the missional purpose of the church at this eschatological time.

KEY WORDS: Church. Nature. Identity. Theology. Missional.

1 INTRODUÇÃO

A igreja é uma denominação? A igreja é um prédio? A igreja é qualquer ajuntamento religioso que utiliza o nome de Cristo? A igreja é uma instituição humana? A “igreja inclusiva” é igreja? A Igreja é uma instituição estatal? Quem define o que é, de fato, uma igreja? O estado? Uma convenção de igrejas, os indivíduos ou a própria Bíblia?

Algumas dessas perguntas não são muito difíceis de serem respondidas, outras desafiam tanto teólogos, como líderes cristãos e membros comuns das igrejas, principalmente diante da variedade de grupos com posicionamentos tão distintos e opostos na atualidade. Isso faz com que a Ecclesologia seja um dos importantes temas da Teologia Cristã na atualidade, que exige reflexão atualizada e aprofundamento de pontos importantes no que diz respeito à sua natureza, identidade e propósitos diante dos desafios deste início de século.

Neste artigo busca-se verificar aspectos necessários de reafirmação doutrinária em relação à natureza, identidade e propósito da igreja, diante dos desafios e ameaças que exigem posicionamento bíblico consistente da liderança Cristã na atualidade. Alguns desafios do nosso tempo que ameaçam a saúde e a vida da igreja que se firma nas Escrituras Sagradas são: a influência dos pressupostos da Teologia Liberal do Séculos XIX na academia teológica no Brasil atual. O enorme crescimento do número de pessoas que assumem ser desnecessário ser

parte de uma igreja local e institucionalizada, acreditando que eles é que estão certos em relação ao ser igreja e ao pertencer ao Corpo de Cristo. As igrejas inclusivas e as igrejas emergentes com ênfases pós-modernas; aspectos nocivos da Teologia da Prosperidade, juntamente com o triunfalismo, a confissão positiva e o pragmatismo secular no meio cristão.

Como orientar os membros das igrejas diante da afirmação que os teólogos influenciados pelo liberalismo teológico fazem de que assumir pressupostos bíblicos conservadores para definir a igreja é fundamentalismo que precisa ser rejeitado e banido? Como devem se posicionar os líderes e membros de igrejas conservadoras diante das igrejas emergentes e das igrejas inclusivistas que afirmam ser estes movimentos os verdadeiros representantes da igreja que vive o real amor cristão, pois lidam com a aceitação incondicional de todos aqueles que procuraram o ceio da comunidade da fé? Como se deve lidar com os desafios missionais da igreja diante da ênfase antropocêntrica, busca de enriquecimento pessoal como o que define ser uma pessoa abençoada, e da ênfase pragmática que move os movimentos evangélicos atuais?

Diante desses grandes desafios, que são verdadeiras ameaças para a verdadeira igreja de Cristo, o artigo tem como objetivo geral, refletir sobre a natureza, identidade e propósito da igreja no início do Século XXI, e como objetivos específicos: 1. Verificar os desafios que exigem posicionamentos da tradição bíblica cristã; 2. Compreender a importância de se reafirmar a natureza e a identidade da igreja com segurança bíblica para os dias atuais; 3. Reafirmar o propósito missional da igreja neste tempo escatológico.

2 DESAFIOS ATUAIS QUE EXIGEM ANÁLISE E POSICIONAMENTO DA LIDERANÇA EM RELAÇÃO À NATUREZA, IDENTIDADE E PROPÓSITO DA IGREJA

O artigo não consegue verificar e responder de forma abrangente a todos os possíveis e imagináveis desafios e ameaças que a igreja do Senhor Jesus Cristo enfrenta nesse início do Século XXI, mas, propõe fazer uma análise introdutória de forma acadêmica de alguns desses processos que se apresentam como possíveis ameaças contra a integridade da igreja do Senhor Jesus e seu testemunho. Certamente, neste tempo da história da igreja, o povo de Deus, como um todo, enfrenta desafios e ameaças semelhantes aos que a igreja, no passado, enfrentou nos momentos mais difíceis do seu desenvolvimento histórico entre as nações. Contudo, é importante, ainda que de forma resumida, verificar, a partir de análise bibliográfica, e de

artigos eletrônicos, alguns desses desafios e ameaças que desafiam o povo de Deus na atualidade. Vejam-se alguns deles:

2.1 O DESAFIO DA INFLUÊNCIA DOS PRESSUPOSTOS DA TEOLOGIA LIBERAL EM VÁRIOS RAMOS DA TEOLOGIA NO MUNDO

No contexto cristão conservador, que assume os pressupostos da inerrância, autoridade e infalibilidade das Escrituras, compreende-se que a influência dos principais pressupostos da Teologia Liberal continuam vivos e ativos na atualidade. O grupo de teólogos, professores e líderes influenciados pela Teologia Liberal, tem assumido papel preponderante em algumas escolas de Teologia reconhecidas pelo MEC, com grande representação no mundo acadêmico. Ao rejeitarem a autoridade das Escrituras, sua inerrância, sua infalibilidade e mesmo sua própria essência como texto revelado pelo próprio Deus, assumem vários posicionamentos totalmente contrários em relação ao mundo cristão ortodoxo que assume a autoridade das Escrituras Sagradas para definir, dentre outros aspectos, a própria natureza, identidade e propósitos da igreja.

Karl Barth, importante teólogo do Século XX, por exemplo, é reconhecido como aquele que reagiu profunda e diretamente à Teologia Liberal, e de fato o fez, trazendo algumas contribuições para um avanço na reação aos seus professores da Teologia Liberal que impactaram o mundo teológico. Contudo, Miller e Greenz perguntam e respondem sobre como Barth via a Bíblia,

E como é que Barth vê a Bíblia? Por um lado, ele acolheu a abordagem histórico-crítica da literatura bíblica e rejeitou qualquer ideia de inerrância. Por outro, deixou claro que embora a Bíblia seja um produto humano e traga em si marcas da fragilidade do ser humano, ela é, em última análise, o testemunho inspirado, intérprete e arauto do *evento* salvador centrado em Cristo. (MILLER; GREENZ, 2013, p. 29)

Dessa forma, no contexto dessas escolas e seus representantes, a Bíblia não é revelação, no sentido que a tradição cristã de linha ortodoxa compreende. Visto que a Bíblia, para os teólogos influenciados pela Teologia Liberal contém erros, sendo um livro humano, ainda que tenha uma influência divina, deixando de ser autoritativa para as questões de fé e de prática. Lopes (2011, s.p.) demonstra que há uma distinção necessária que se deve perceber de forma coerente entre o liberalismo teológico como movimento e sua influência na atualidade,

Portanto, fica claro que faço a distinção entre o liberalismo teológico como movimento histórico – este, sim, já acabado – e o liberalismo teológico como conjunto de ideias, pressupostos e convicções sobre a Bíblia e a teologia. Este último está vivinho, sim. [...] Essas ideias do liberalismo teológico continuam presentes e sendo defendidas em sala de aula por pastores, professores e teólogos. (LOPES, 2011, s./p.)

Como fruto desse pensamento, os discípulos desse tipo de corrente teológica nos dias atuais, veem nas questões ligadas à ideologia de gênero, por exemplo, tão defendida por pensadores seculares, e rejeitada pela corrente de interpretação bíblica conservadora, aspectos pontuais, ligados a um momento histórico e cultural no qual os personagens bíblicos fizeram a sua interpretação contextual, sendo que hoje, deve-se superar aquela interpretação que deram dos fatos. Com isso, os que pensam de forma diferente são “biblicistas”, “fundamentalistas”, exclusivistas e intolerantes.

Cresce o número de teólogos dessa vertente, que propõe uma interpretação das Escrituras favorável a todo tipo de opção sexual, ordenação de ministros homossexuais e lésbicas, e que rejeita a necessidade de pregação do Evangelho como anúncio para arrependimento e experiência de salvação, pois todas as culturas têm sua própria revelação de Deus. Com isso, negam a necessidade da fé em Cristo para o perdão e salvação dos pecados. Diante desse fato, a batalha que cresce contra o mundo cristão conservador, e sua percepção sobre a família, a igreja e sua presença no mundo, não vem apenas das pessoas que estão fora da igreja com suas ideias anticristãs ou dos pensadores das igrejas inclusivas, com pouco estudo teológico, vários ataques contra a igreja conservadora estão vindo da parte dos teólogos que negam as Escrituras como autoritativa em questões de fé e de prática de vida. A batalha, portanto, se instala a partir do próprio contexto cristão, de influência liberal, ou radical, como se quiser assumir, a partir de um contexto teológico acadêmico, oficial, assumido pelo governo. Escolas e intelectuais com grande autoridade aceita pela academia teológica, pessoas com títulos e posições destacadas no mundo acadêmico.

Visto que esses teólogos que rejeitam a infalibilidade das Escrituras, sua inerrância e sua autoridade, estão influenciando uma grande parte da geração de novos pastores, inclusive de igrejas que eram consideradas históricas e conservadoras, algumas denominações históricas, consideradas anteriormente como bíblicas e conservadoras, já assumem, em grande parte, esses pressupostos. Dessa forma, por meio da influência do mundo acadêmico, haverá líderes de denominações, inclusive históricas, na batalha contra o pensamento bíblico

conservador considerado como fundamentalista, intolerante e que precisa ser banido da sociedade atual.

Nesse sentido, em meio aos intelectuais influenciados pela teologia liberal, cresce uma profunda rejeição dos que assumem os fundamentos bíblicos como pressupostos para a vida, chamando a todos que assumem fundamentos bíblicos como fundamentalistas, e isso de forma profundamente marginalizada. Tanto no que diz respeito aos assuntos relacionados à família, como às questões de ideologia de gênero, como em relação às ações evangelísticas que assumem a exclusividade e necessidade de Cristo para a salvação.

2.2 O DESAFIO DAS IGREJAS INCLUSIVAS

As igrejas inclusivas são aquelas que, não somente têm assumido o acolhimento de pessoas de várias opções sexuais na comunidade, mas, que via de regra, tem seus próprios líderes formados por casais homossexuais e lésbicas. O movimento para inclusão de pessoas com opções sexuais consideradas pela ortodoxia como afrontando as Escrituras, pode ser visto em movimentos de grupos de Igrejas Cristãs históricas de diversas partes e denominações do mundo, ou em novas comunidades independentes criadas com um posicionamento teológico divergente da tradição Cristã. Essas pessoas se organizam e lutam por espaços cada vez mais assumidos pela compreensão teológica inclusiva e orientada para uma pastoral e diaconia abertas à diversidade, em especial relacionada à orientação de gênero.

O antropólogo, Marcelo Natividade, do corpo de professores da USP, fala sobre a origem histórica das congregações inclusivas no Brasil em entrevista ao jornal eletrônico *El Pais* seção Brasil e afirma,

As igrejas inclusivas chegaram no Brasil no início dos anos 2000 e nos últimos dez anos não pararam de aumentar em número. A história delas, contudo, começa muito tempo antes, no simbólico ano de 1968, nos Estados Unidos. O antropólogo e professor da Universidade São Paulo, Marcelo Natividade, fala sobre a origem e reflexos atuais dessas congregações que aceitam fiéis e pastores sem olhar para sexualidade. (OLIVEIRA, 2016, s./p.)

Uma das primeiras Igrejas Históricas, em nível mundial que abandonou a interpretação tradicional das Escrituras em relação ao homossexualismo e seus desdobramentos foi a Igreja Episcopal Anglicana. No Brasil a Igreja Anglicana (IEAB), ligada à Igreja da Inglaterra, foi uma das denominações que assumiu os posicionamentos de sua liderança britânica. A IEAB,

portanto, não pratica nenhuma discriminação para a ordenação e o exercício do ministério ordenado de pessoas homossexuais.

Nos últimos dez anos as igrejas inclusivas têm crescido cada vez mais no Brasil. Alguns exemplos são: A Igreja Contemporânea Cristã, do Rio de Janeiro, a Cidade Refúgio e a Congregação Cristã Nova Esperança, ambas em São Paulo, são bons exemplos, com um número crescente de membros. Em termos teológicos esses grupos assumem uma interpretação liberal das Escrituras, veja o que afirma o CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs no Brasil), analisando o que afirmam pastores conservadores sobre a hermenêutica das igrejas inclusivas,

As comunidades inclusivas ou as pastorais da diversidade costumam ter uma interpretação heterodoxa da bíblia, flexibilizando hermenêuticas há muito consolidadas e naturalizadas em relação à orientação sexual. Do outro lado da fronteira, teólogos, teólogas, lideranças leigas identificadas com a teologia inclusiva chamam a atenção para a hermenêutica da suspeita e para a necessidade de reler os textos bíblicos que condenam a homossexualidade, considerando o contexto histórico e religioso do período bíblico. A ênfase em Deus da graça e do amor é outra referência importante para quem se identifica com a teologia inclusiva. (OLIVEIRA, 2016, s./p.)

Esses grupos poderiam ser chamados de igreja, de fato? Deveriam os cristãos conservadores diante de tanta acusação de que são homofóbicos e intolerantes, pregadores do ódio, assumir que grupos inclusivistas não podem ser chamados de igreja e trazer sobre si mais indignação? Como compreender e assumir posicionamentos bíblico seguros sem cair em situação de ódio, perseguição, homofobia e intolerância? São essas perguntas que desafiam a continuação da reflexão e a busca de respostas fundamentadas nas Escrituras Sagradas.

2.3 O DESAFIO DAS IGREJAS EMERGENTES

Com o propósito de romper com tudo o que consideram tradicionalismo e meios humanos de manipular pessoas, surgiu um movimento no final do século passado que vem crescendo de forma considerável no Brasil, o movimento das igrejas emergentes. Segundo os próprios membros do movimento no Brasil, Uma igreja emergente é basicamente “um movimento cristão onde as pessoas buscam viver sua fé em um contexto social pós-moderno”. (WWW.IGREJAEMERGENTE.COM.BR). O termo, Igreja Emergente nasceu na década de

90, no Século XX, e se aplica às comunidades que têm como principal marca a propagação do evangelho, sem preconceitos, em meio às várias culturas urbanas.

A igreja emergente é essencialmente um movimento ‘de dentro’ e se opõe à igreja evangélica tradicional característica das últimas décadas do século 20. Na visão dos líderes emergentes aquela forma de ser igreja é cativa dos conceitos do absolutismo da era moderna e o movimento emergente veio trazer a liberdade necessária para um cristianismo relevante na pós-modernidade. (CARSON, 2013, p. 28, 29)

O movimento tem maior impulso com a publicação do livro “Ortodoxia Generosa”, de autoria de Brian McLaren. Segundo Pimentel (2014, s.p), os membros desse movimento podem até manter uma expectativa sincera de que pessoas se voltem para Cristo, Pimentel reconhece, que dentre as críticas que eles fazem às igrejas históricas, várias devem ser motivo de revisão pela liderança conservadora, a igreja,

Em algumas ocasiões hostilizou e violentou culturas ao invés de valorizá-las, e que isto de certo modo tem sido uma barreira para a pregação do evangelho. Para reparar essa situação, a igreja precisa desenvolver uma teologia que faça separação entre evangelho e cultura. Além disso, as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade pós-moderna demandam dos pastores e líderes uma revisão missiológica, reelaborando estratégias e contextualizando sua mensagem para que esta possa ser plenamente entendida pela geração emergente. (PIMENTEL, 2010, s./p.)

Contudo, há vários desafios que precisam ser enfrentados pela liderança das igrejas emergentes se quiserem permanecer firmes nos ensinamentos das Escrituras e fiéis ao Senhor da igreja. A expectativa de alcançar as pessoas por diversos meios, acaba fazendo com que fiquem, de acordo com Pimentel, “Mais preocupados com o ouvinte do que com a mensagem em si, e em seu desejo de pregar um evangelho que seja ‘aceitável’ ao homem pós-moderno, acabam por negligenciar os pressupostos básicos do cristianismo.” (2010, s./p.) Nesse mesmo processo crítico, o Prof. Meyster (2006, p. 111), não rejeita vários aspectos positivos desse movimento na tentativa de se comunicar com pessoas do Século XXI, contudo ele destaca as sérias ameaças ao Evangelho, que estão presentes em suas igrejas, e afirma:

[...] o movimento emergente prega um tipo de ‘relevância a qualquer custo’. Para ser relevante, o movimento (ou aqueles que são reconhecidos como seus líderes) tem proposto a negação de fundamentos bíblicos essenciais, como a caracterização da verdade bíblica. Outro ponto importante é o desejo

da chamada igreja emergente de ser missional. Se as comunidades emergentes tomarem o termo missional como o desejo de autenticidade, a negação da hipocrisia e do espírito farisaico e a vontade de não manter estruturas que facilitem esse estado de coisas, estarão, com certeza, mais próximas de apresentar o verdadeiro evangelho com impacto em meio à sua geração e cultura. Creio que algumas delas provavelmente o farão. O lado negativo, no entanto, está na adoção do conceito missional inclusivista. (MEYSTER, (2006, p. 111)

Na crítica de Kimball, (2008), ele observa que não há apenas uma corrente com tendências liberais e destoantes, no movimento da igreja emergente, em relação às igrejas evangélicas conservadoras, para Kimball, deve-se fazer clara distinção entre as igrejas conservadoras que estão emergindo em nosso tempo, que rompem com tradicionalismos, sendo culturalmente liberais, e as igrejas, emergentes que ele considera como sendo caracterizadas por uma teologia liberal ameaçadora.

Nessa mesma linha de raciocínio, Mark Driscoll (2009) defende que há um lado positivo na igreja emergente que reconhece a importância da missão dentro da cultura urbana, mas, ele denuncia a ideologia predominante no movimento, que chama de “a última versão do liberalismo” (2009, p. 23).

No próximo ponto do artigo, será verificado o desafio relacionado a aspectos do antropocentrismo, do pragmatismo e da confissão positiva nas igrejas históricas e, por fim, ainda será verificada a realidade dos desigrejados.

2.4 O DESAFIO DO ANTROPROCENTRISMO, DO PRAGMATISMO, DA CONFISSÃO POSITIVA E DOS DESIGREJADOS

Continuam vivos alguns processos que se tornaram internos nas igrejas cristãos conservadoras na atualidade. Processos externos que invadiram a maioria das denominações e permanecem vivos, exigem reflexão crítica e revisão de postura. As atitudes das denominações diante dessas influências, bem como o tradicionalismo das igrejas históricas, de alguma forma, provocaram a muitos cristãos a se assumirem como desigrejados. Tudo isso ameaça à saúde e a vida da igreja nos dias atuais.

Na busca de manter as igrejas cheias, com multidões participando de seus programas e eventos, grandes projetos são promovidos com ênfase antropocentrista³. Assim, tudo o que aparentemente seja aceitável e aprovado pela maioria, e que possa trazer emoção, sentimento de bem-estar e alegria, pelo menos momentânea, e responder às expectativas de bênçãos nem sempre prometidas nas Escrituras é desenvolvido pela liderança. Filha da confissão positiva a Teologia da Prosperidade continua mantendo-se viva em várias igrejas que de campanha em campanha prometem aos crentes que o Senhor resolverá para sempre seus problemas financeiros e sofrimentos em todas as áreas da vida. A compreensão de vida bem-sucedida como prosperidade material e ausência de problemas e conflitos permeia a mente dos crentes que continuam fazendo todo tipo de jogo oferecido pela liderança que manipula as massas dominadas por uma falsa compreensão do que seja uma pessoa abençoada verdadeiramente por Deus.

O pragmatismo⁴ entrou e permanece reinando em grande parte das igrejas e movimentos evangélicos que continuam defendendo que as coisas precisam funcionar de forma a render frutos e benefícios imediatos para todos. A crença de que os fins justificam os meios, é amplamente assumida, de forma consciente ou não. Seja nos aspectos místicos de se tentar dominar a mente do povo com aparência de religião de poder, com a inclusão de vestes e rituais do judaísmo antigo, ou promessas de vitória, enchem os templos de pessoas que, infelizmente, por um lado são dominadas pelos líderes, e por outro lado são dominadas pelas próprias idolatrias e expectativas antibíblicas que dominam o seu coração. Não buscam um Deus que domine e controle suas vidas, antes, um “deus manipulável”.

Diante desses problemas mencionados e de outros tantos relacionados às denominações, como instituições organizadas, cresce o número de cristãos que cada vez mais

3 O antropocentrismo no período renascentista foi a insistência do humanismo de colocar o homem no centro de todas as coisas. No mundo secular, o antropocentrismo colocou o homem no centro de tudo e expulsou Deus da história. No antropocentrismo Cristão, o homem é colocado no centro de tudo, e Deus aparece como aquele que existe para atender as “necessidades” do ser humano. O Prof. Alderi Matos, fazendo uma advertência à igreja do nosso tempo observa que uma das tendências perigosas, corre em relação ao culto: “perigo de colocar os adoradores no centro das atenções ao invés de Deus (antropocentrismo); liturgia condicionada por interesses pragmáticos (atrair e empolgar os participantes) e preferências culturais, e não pelo ensino da Escritura. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2018/11/2-O-movimento-pentecostal-reflex%C3%B5es-a-prop%C3%B3sito-do-seu-primeiro-centen%C3%A1rio-Alder-Souza-de-Matos.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2019.

4 O pragmatismo é uma corrente filosófica que sustenta que o significado de um conceito, seja ele uma frase, texto, palavra ou discurso, consiste nas consequências práticas concebíveis de sua aplicação, ou seja, uma afirmação sem relações com experiências, passa a não ter sentido. A corrente filosófica defende que o sentido das coisas pode ser encontrado dentro de sua utilidade ou efeito prático, de modo que a pessoa pragmatista vive pela lógica de que as pessoas, com seus atos e ideias, só são verdadeiros se servirem para a solução imediata dos problemas. Disponível em Terra Educação, em: <<https://www.estudopratico.com.br/pragmatismo/>> Acesso em: 23 set. 2019.

abandona a comunhão, vivendo como desigrejados. Por isso, em grande parte, é preciso compreender que os que deixam de congregar, estão corretos em vários aspectos de sua crítica contra as denominações e suas instituições. Contudo, é de grande importância compreender como os reformadores viam a igreja, por um lado, ela é a “noiva de Cristo”, “o corpo de Cristo”, “Assembleia dos santos”, e por outro, ela é instituição imperfeita, na qual se encontra corrupção e falhas. Nesse sentido o crente é chamado a contribuir com o processo de santificação dos membros da igreja e contra os processos de corrupção das instituições eclesiais.

[...] apesar de tudo, precisamos uns dos outros, precisamos da pregação da Palavra, da disciplina e dos sacramentos, da comunhão de irmãos e dos cultos regulares. Cristianismo sem igreja é uma outra religião, a religião individualista dos livre-pensadores, eternamente em dúvida, incapazes de levar cativos seus pensamentos à obediência de Cristo. (LOPES, 2010, s./p.)

Todos esses desafios aqui apresentados nesse ponto, somados aos processos doentes das denominações como instituições religiosas, exigem da Teologia de linha conservadora posicionamentos que possam contribuir com as igrejas bíblicas, a fim de que possam olhar para si mesmas com humildade, reconhecerem suas próprias falhas e misérias, voltando-se para as Escrituras, e em relação aos desigrejados, pedir perdão e convidá-los para que voltem para a comunhão.

Tudo isso desafia a Teologia de linha conservadora, a repensar bíblicamente a natureza e a identidade da igreja e suas implicações para o povo de Deus no século XX, o que faremos no próximo ponto desse artigo.

3 A IMPORTÂNCIA DE SE REAFIRMAR A NATUREZA E A IDENTIDADE DA IGREJA NOS DIAS ATUAIS

O principal termo grego para igreja, usado na tradução do Antigo Testamento e que aparece na escrita do Novo Testamento vem da língua grega, *ekklesia*. Na cultura helênica *ekkesia* se referia a uma reunião de cidadãos intimados de suas casas para algum lugar público (Atos 19:32-41). Na Septuaginta *ekklesia* é a tradução do hebraico *qahal*. O ajuntamento do povo de Deus, no Antigo Testamento, de fato era uma assembleia, muito próxima à ideia grega *ekklesia*. O termo aparece cento e doze vezes no Novo Testamento, e na grande maioria *ekklesia* se refere à igreja como o povo de Deus, convocado pelo próprio Cristo, um “edifício” estabelecido por ele mesmo, dando sequência ao que Deus vinha fazendo no Antigo

Testamento. Nesse sentido a igreja é uma comunidade formada por judeus e gentios (Ef. 2. 11-22). O termo *ekklesia* indica várias vezes no Novo Testamento as igrejas locais, particulares, concretas, ou uma pluralidade de igrejas locais (“a igreja que está em Jerusalém” Atos 8.1) ou “Todas as igrejas dos gentios” (Rm 16:4), ou “as igrejas da Macedônia”. Bem como, mesmo uma igreja que se reúne em uma casa. “A igreja em tua casa”. (Filemon 2), e “as igrejas de Deus”. (2 Ts 1: 4).

MacGrath reconhece em sua *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica* (2005, Shedd), que Calvino foi desafiado por líderes de sua época a apresentar uma doutrina da igreja que trouxesse uma melhor contribuição para posicionamentos naquele tempo, pois não havia, ainda, uma sistematização dos ensinamentos bíblicos. Na sua contribuição, Calvino apresenta uma eclesiologia, segundo MacGrath, simples e descomplicada, e traçou uma importante distinção entre igreja visível e invisível. Para Calvino, a igreja é a comunidade formada pelos cristão, um grupo visível e, ao mesmo tempo, ela, também, é a comunhão dos santos e a companhia dos eleitos – uma entidade invisível. (Hb 12, 21-23).

A primeira é constituída somente dos eleitos; a última abrange tanto bons quanto maus, tanto eleitos como recusado. A primeira é objeto de fé e esperança; a última de experiências presentes. A diferença entre ambas é de ordem escatológica: a igreja invisível é a igreja que se formará no final dos tempos à medida que Deus realizar o juízo final. (MACGRATH, 2005, p. 550).

Por um lado, a igreja é visível e traz consigo aspectos históricos tangíveis, sendo constituída dos crentes fiéis e daqueles que nunca se converteram. Essa compreensão em parte se baseia na parábola do trigo e do joio, na qual o Senhor Jesus declara que não se deveria tentar separar o joio do trigo neste tempo presente (Mt 13.24-31). Essa tese já tinha sido defendida anteriormente por Agostinho que se firmou na parábola citada, para afirmar que, “Encontra-se além da competência humana discernir entre um e outro, correlacionando qualidades humanas ao favor divino.” A crença de que a separação do trigo e do joio só acontecerá no futuro, pelo próprio Cristo, não justifica a liderança da igreja visível a esquivar-se da necessidade de exercer a disciplina sobre os membros do Corpo de Cristo. Conforme exortação de Paulo aos líderes da Igreja de Corínto, eles precisavam se posicionar, diante dos assuntos que exigiam disciplina na igreja, “Para vos envergonhar o digo. Será que não há entre vós sequer um sábio, que possa julgar entre seus irmãos?” (1Co 6:5).

Esse fato fez com que ainda no tempo de Calvino, outro teólogo, que na verdade, havia lhe influenciado, apontasse a disciplina como outra marca importante da igreja, o que não foi considerado por Calvino como essencial na avaliação da identidade da igreja (MACGRATH, 2005, p. 551).

Em relação à compreensão bíblica sobre a igreja invisível, a questão defendida por Calvino e esposada por vários teólogos na história, é que esse aspecto da igreja, se relaciona à igreja de todos os tempos, que somente Deus pode ver. De acordo com o autor da epístola aos Hebreus, ela é a “[...] universal assembleia, e igreja dos primogênitos arrolados nos céus.” (Hb 12:22,23).

Essa compreensão teológica sobre a natureza da igreja, como, em parte, sendo uma igreja invisível aos homens, não significa apoio à compreensão errônea de que é possível ser parte da igreja invisível e fazer a opção de não ser parte da igreja visível, ainda que seja pela rejeição dos vários problemas históricos cometidos pelos líderes cristãos e pelas denominações.

Calvino ressalta que todos os fiéis são obrigados a honrar e permanecer comprometidos com a igreja visível, a despeito de suas deficiências, em razão da igreja invisível, que é o verdadeiro corpo de Cristo. Apesar disso, existe apenas uma igreja, uma entidade única que tem Jesus Cristo como cabeça. (MACGRATH, 2005, p. 550)

Qualquer desculpa para deixar de participar da igreja visível, assumindo ser partícipe da igreja invisível, portanto, não encontra base nas Escrituras e nos seus interpretes comprometidos com sua autoridade revelacional. A observação de Calvino de que o crente é ordenado à congregar a despeito das deficiências da igreja invisível, desafia as expectativas errôneas de uma igreja perfeita na atualidade.

3.1 AS MARCAS DA IGREJA

No início, Calvino assumiu primeiramente, que havia duas marcas indispensáveis da igreja visível: 1 que a palavra de Deus fosse pregada e 2 que os sacramentos fossem devidamente ministrados. Depois Calvino acrescentou a ideia de governo e instituição à sua concepção eclesiológica (ministro, presbíteros, diáconos, congregação). Para Calvino, assim, como a salvação acontece por meio de um processo histórico movido pelo Senhor, Deus, também, criou a igreja na história e faz com que o processo de santificação aconteça, de certa

forma, no contexto da igreja, “Assim, a igreja como instituição, é identificada como um corpo de origem divina (contendo estrutura e governo), por meio do qual Deus efetua a santificação dos seus filhos.” (MACGRATH, 2005, p. 551).

A pregação da Palavra, como uma das marcas da verdadeira igreja, para os reformadores, implicava a fé no caráter divino humano das Escrituras, como revelação doada por Deus e registrada pelos homens, sua inerrância, sua infalibilidade e sua autoridade. Ao mesmo tempo, a pregação das Escrituras nessa perspectiva, deveria assumir seus princípios eternos e absolutos independentemente da cultura, do tempo, e da geografia. É bom lembrar que o próprio Senhor Jesus Cristo, afirmou que não é apenas se reunir em nome dele, fazer manifestações religiosas, curas e sinais que implica ser verdadeira igreja e verdadeiros discípulos de Cristo.

Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade. (Mt 7.21-27)

Rejeitar, ou adaptar princípios bíblicos, de acordo com o tempo e a cultura, para ensinar a Palavra de Deus, portanto, é um claro indício de que estes pregadores, não fazem parte da igreja real de Cristo. Não faz parte, portanto, da tradição cristã conservadora que se originou na Reforma Protestante negar ou reinterpretar princípios bíblicos de acordo com a cultura para ensinar as Escrituras.

Uma sugestão, nesse sentido, para a liderança cristã, é que se apegue, como base para julgar e avaliar a fidelidade da igreja, pelo menos, aos chamados cinco *Solas* (somente) da Reforma Protestante: somente a fé, somente a Escritura, somente a graça, somente Cristo, somente a Deus toda glória.

4 REAFIRMANDO O PROPÓSITO MISSIONAL DA IGREJA NESTE TEMPO ESCATOLÓGICO

Observam-se três momentos na compreensão dos propósitos da igreja em relação à sua missão. Primeiramente, por vários anos, uma parcela da igreja compreendeu e divulgou a compreensão que ficou em grande parte assumida, de que, a missão da igreja precípua é adorar ao seu Senhor. Como consequência da adoração, a missão é aquilo que alguém da

igreja seria enviado a fazer do outro lado do planeta, na Ásia, África, Oceania, ou, talvez, um pouco mais próximo entre os índios não alcançados pelo Evangelho. Essa compreensão unilateral do propósito missionário da igreja, cumprindo a missão do próprio Deus, teve alguns aspectos positivos, pessoas oraram ao Senhor e se dispuseram a ir às nações como missionários, e fizeram um trabalho extraordinário em muitas nações. As igrejas espalhadas pelo mundo alcançado, foram desafiadas e se envolveram de forma perceptiva e marcante com o sustento e envio de vários missionários aos povos não alcançados. Aqui e ali alguns missionários eram abandonados pelas igrejas nos campos, trazendo grandes prejuízos para esses irmãos e suas famílias. Mas, em grande parte, as igrejas por vários anos foram muito fiéis no envio e sustento de missionários no mundo. Comentando sobre o ministério transcultural de Paulo, Carriker, afirma que,

Paulo procurava atingir primeiro os centro provinciais que não eram evangelizados na sua missão. Isto era uma estratégia do “quadro geral” e não dos detalhes, isto é, não de todo e qualquer lugar. Ele tentava evangelizar o mundo gentílico que ele estabeleceu para continuar sua missão. Ele mesmo se apressava para a tarefa urgente de pregar o evangelho para aqueles que não o ouviam Romanos 10.14). Sua perspectiva era de ‘preencher’ ou ‘completar’ (Romanos 15.19) os principais lugares que faltavam no mundo gentílico e prosseguir em frente. Já que Paulo entendeu que Deus oferece salvação a todos agora e que ele era chamado para pregar entre os gentios, dedicou sua energia ao ministério móvel da pregação que varreu o mundo gentílico. (CARRIKER, 2000, p. 257)

Essa compreensão da missão, enquanto responsabilidade transcultural, de forma muito específica relacionada aos povos não alcançados, é uma necessidade que precisa ser constantemente lembrada no seio da igreja, a igreja jamais pode omitir sua responsabilidade de testemunhar “até aos confins da terra” (At 1.8).

Contudo, as igrejas deixaram, pelo menos em grande parte, de verificar os grandes desafios locais e acomodadas, muitas vezes, descansaram no fato de que faziam missões enviando os missionários ao mundo. Com o despertar da consciência, houve durante um bom tempo um grande despertar para as chamadas missões urbanas, a igreja foi desafiada à sua responsabilidade social e impactada por desafios proféticos, incomodadas, várias denominações e entidades para-eclésiásticas partiram para várias ações de missão urbana. Em relação às missões urbanas, Timothy Keller, no seu importante livro, Igreja Centrada, fala dos grandes desafios do ministério nas cidade, ele fala da consciência que os crentes precisam ter sobre o mundo globalizado, sua cultura e seus desafios, e compreende que o processo de

globalização, envolve um processo nunca visto de migração de milhares de multidões para os grandes centros do mundo, ele observa que:

É vital que haja cristãos e igrejas onde houver pessoas, mas os habitantes do mundo estão se mudando para as grandes cidades, e essa migração acontece a passos muito mais largos do que os da igreja. A comunicação e o ministério cristão têm sempre de ser traduzidos em cada novo contexto e língua. No entanto a igreja cristã não está reagindo rápido o bastante para acompanhar o rápido crescimento da população urbana. Todos os meses, cinco milhões de novas pessoas se mudam para as cidades dos países em desenvolvimento – esse número se equipara à população das áreas metropolitanas da Filadélfia e de São Francisco. (KELLER, 2014, p. 189)

Assim, a visão do propósito missionário da igreja, que entendia, de forma equivocada que missões era aquilo que a igreja fazia enviando cristãos às nações não alcançadas, em algum momento, se ampliou, para o compromisso com as missões urbanas. Missões como aquilo que a igreja, por meio de programas, em dias, ou locais específicos, por meio de alguns cristãos mais consagrados, de acordo com seus dons e dedicação faz de forma dedicada e comprometida com o Evangelho.

Essa visão ampliada da responsabilidade missionária da igreja, trouxe vários benefícios e processos relacionados ao exercício de capelania em hospitais, capelania em casas de recuperação e capelania em casas de reeducação (prisões), escolas, creches, e outras tantas áreas de assistência social, incluindo não somente as ações de capelania, trazendo-se conforto, consolo e auxílio às pessoas, em um desejo sincero de cumprir aspectos claros das Escrituras relacionados a este desafio, mas também, a apresentação direta do evangelho que promove o arrependimento e o novo nascimento. Da mesma forma, várias ações sociais concretas passaram a ser desenvolvidas, contribuindo na diminuição do sofrimento humano nos grandes centros urbanos.

Mas, a igreja ainda não estava compreendendo e vivendo seus propósitos missionários de forma completa. Alguns estudiosos da missiologia, a partir de exegese séria e dedicada, observaram que a igreja roubava de seus membros a responsabilidade e o desafio pessoal como parte do Corpo Vivo de Cristo. Dessa forma apresentaram um termo que abrangia uma compreensão teológica mais coerente diante dos propósitos missionários da igreja, o termo “missional”.

Randy Pope apresenta no seu livro, *Discipulado na Igreja Local*, (Ultimato, 2017, um resumo da história de seu ministério e sua visão de discipulado missional. Profundamente

impactado pelo desafio missional, Pope vem desenvolvendo um ministério de discipulado com essa ênfase, por mais de quarenta anos nos Estados Unidos e há uns dez anos em alguns países no mundo com líderes dessas nações. Pope começou seu ministério profundamente preocupado em contribuir para que os membros de sua igreja fossem pessoas com forte fundamentos bíblicos e trabalhou bastante para que houvesse um ótimo processo intelectual de formação bíblica e teológica. Com o passar do tempo, ele verificou que o conhecimento teológico precisa impactar de forma mais profunda o coração das pessoas com as quais caminhava no ministério. Dessa forma, ele buscou elaborar um processo de formação e habilitação para que os crentes pudessem aplicar os ensinamentos, de forma prática e viva em seu caminhar diário, compreendendo coração numa perspectiva bíblica, na qual o coração é visto como a pessoa em seu ser essencial, em sua realidade existencial mais profunda, a partir de onde nascem as motivações, propósitos, e escolhas que vão afetar os comportamentos e as atitudes concretas nos relacionamentos. Um passo a mais foi dado no seu ministério, quando ele, compreendendo melhor a visão missional da igreja, convocou a liderança e montou um material para trabalhar com as pessoas um processo de discipulado para liderança, no qual as verdades bíblicas pudessem ser trabalhadas, e os crentes pudessem não somente aplica-las no viver, mas, também, a exercer a vida missional onde quer que estivessem (Discipulado Missional Life on Life). Dessa forma, ele apresenta o que chama do evangelho alcançando a “cabeça, coração e as mãos”, e afirma:

O aspecto missional no DMLOL é amplo. Ele não se refere apenas a mãos oferecendo ajuda fora das quatro paredes da igreja. Ele abrange algo bem maior que isso. Ele une o serviço social ao evangelismo pessoal. No nosso currículo, “Missão” envolve os membros de cada grupo na descoberta de meios para serem missionários nas suas próprias vidas, onde eles moram, trabalham e se divertem. E enquanto serviços de misericórdia fora das quatro paredes da igreja são modelados e incentivados, o evangelismo é enfatizado também. (POPE, 2017, p. 93)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios que se colocam para uma reflexão sobre o que de fato é a igreja do Senhor Jesus Cristo no mundo, podem ser considerados, também, como ameaças à saúde e testemunho da igreja neste século. É preciso que se compreenda como a influência dos pressupostos da Teologia Liberal está dominando as Escolas de Teologia no Brasil, de onde

brotam os pastores, líderes religiosos, pensadores, mestres e doutores da igreja brasileira, em grande parte. Uma das maiores ameaças desse movimento, é a tendência do grupo intelectual influenciado pela Teologia Liberal, que pretende eliminar o pensamento da teologia conservadora, que consideram como danoso para uma sociedade pluralista como eles apoiam. Para esse grupo, como ficou demonstrado, a exclusividade de Cristo para a salvação, como pregação pelos evangélicos e teólogos conservadores é uma perspectiva que deve ser intensamente condenada e banida. Por isso, esta é uma das grandes ameaças que se precisa perceber e combater de forma madura, acadêmica, teológica e filosófica. A liderança não pode tentar responder a esse desafio de forma imatura e desavisada, eles conhecem as línguas originais, a cultura, a teologia, a filosofia e os processos históricos. Somente uma segurança nos pressupostos que fundam as bases da teologia conservadora com conhecimento e pensamento desenvolvido poderão assegurar uma defesa segura do Evangelho na perspectiva conservadora.

Da mesma forma, como vimos, crescem os grupos das igrejas inclusivas e seus apoiadores de forma alarmante. Nessa perspectiva inclusivista de pessoas que fazem opções sexuais que confrontam os princípios bíblicos para a família e a sociedade, dentre outros aspectos que distinguem parte do movimento de igrejas emergentes, exige-se posicionamento da igreja que se confessa bíblica, de assumir que uma igreja liderada por casais de homossexuais e lésbicas dificilmente seria bíblicamente chamada de igreja exigindo-se posicionamento seguro da liderança cristã bíblica nesses dias em que o caos teológico domina.

Com isso não se propõe perseguição e morte aos infiéis como no passado, ou qualquer tipo de “caça às bruxas”, a igreja fiel do Senhor, com suas próprias falhas e conflitos, vive num mundo em que o estado permite que pessoas se posicionem de forma completamente divergentes e tenham liberdade de criar seus movimentos religiosos. Dessa forma, é necessário segurança em afirmar o que é uma igreja de acordo com os princípios bíblicos e evitar a violência, a homofobia e a morte. Com amor e firmeza deve-se rejeitar posicionamento antibíblicos, contudo, a verdadeira igreja sabe que o amor bíblico vencerá, dessa forma, se for necessário, cristãos bíblicos morrerão por amor à verdade, evitando-se por tudo, matar por amor à verdade.

A igreja de confissão teológica conservadora, deve cada dia mais assumir seu caráter missiológico. Formando cristãos maduros e capacitados para serem mais parecidos com Jesus, exercendo sua vida missionária onde quer que estejam em atos e palavras, servindo e

testemunhando do grande amor de Cristo que salva e liberta o ser humano dos processos escravizadores do pecado. Para isso a igreja precisa romper com vários processos de tradição humana que prenderam as igrejas históricas, para se comunicar melhor com a cultura e com o seu tempo, para isso, não precisa romper com os princípios eternos revelados nas Escrituras, antes compreendê-lo em cada momento da história e falar às gerações sobre o grande amor de Deus em Cristo.

REFERÊNCIAS

ALDEMAN, Miriam. **Visões da pós-modernidade:** discursos e perspectivas teóricas. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 184-217. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/09.pdf>>. Acesso em 30 set. 2019.

CARRIKER, Timóteo. **O caminho missionário de Deus:** uma teologia bíblica de missões. São Paulo: Sepal, 2000.

CARSON, D. A. **Igreja emergente:** o movimento e suas implicações. São Paulo: Vida Nova, 2013.

DRISCOLL, Mark. **Confissões de um pastor da Reformissão.** Niterói: Ed. Tempo de Colheita, 2009.

KIMBALL, Dan. **A igreja emergente.** São Paulo: Ed. Vida, 2008.

LOPES, Augustus, Nicodemos. **O liberalismo teológico morreu?** Disponível em: <Tempora-mores.blogspot.com>. 2011. Acesso em 23 set. 2019.

LOPES, Augustus, Nicodemos. **Os desigrejados.** Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com/2010/04/os-desigrejados.html>>. Acesso em 23 set. 2019.

PIMENTEL, Vinicius Musselman. **Igreja emergente, o que é isso?** Disponível em: <<https://voltemosaoevangelho.com/blog/autor/vinicius/>>. Acesso em: 23 set. 2019.

MACGRATH, Alister E. **Teologia, sistemática, histórica e filosófica:** uma introdução à Teologia Cristã. São Paulo: Shedd, 2005.

MATOS, Alderi, **O movimento pentecostal:** reflexões a propósito do seu primeiro centenário. FIDES REFORMATATA XI, Nº 2 (2006): 23-50. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2018/11/2-O-movimento-pentecostal-reflex%C3%B5es-a-prop%C3%B3sito-do-seu-primeiro-centen%C3%A1rio-Alderisouza-de-Matos.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2019.

MEISTER, Mauro. **Igreja emergente, a igreja do pós-modernismo?** Uma avaliação provisória. São Paulo: 2006, FIDES REFORMATATA XI, Nº 1 (2006): 95-112.

MILLER ED. L., GRENZ, Stanley. **Teologias Contemporâneas.** São Paulo: Vida Nova, 2013.

OLIVEIRA, André de. **Igrejas inclusivas nascem da intenção de repensar a tradição religiosa.** Entrevista com o antropólogo Marcelo Natividade no jornal El Pais, Brasil. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/politica/1469820936_254948.html>. Acesso em: 18 set. 2019.

POPE, Randy, **Discipulado na igreja local.** Viçosa: Ultimato, 2017.